



## Encontro Inter-regiões - Sul

Região Sul - Evento virtual  
De 1 a 31 de outubro de 2020



### EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

<b>INSCRIÇÃO</b>	00599
<b>INSTITUIÇÃO</b>	Universidade Federal do Paraná
<b>CAMPUS</b>	Departamento de Comunicação - Juvevê
<b>CIDADE</b>	Curitiba
<b>UF</b>	PR
<b>CATEGORIA</b>	JO
<b>MODALIDADE</b>	JO16
<b>TÍTULO</b>	Os caminhos do cipó – livro-reportagem sobre o consumo de ayahuasca na contemporaneidade
<b>ESTUDANTE-LÍDER</b>	Gabriel de Oliveira Herdina
<b>CURSO ESTUDANTE-LÍDER</b>	Comunicação Social - Jornalismo
<b>COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:</b>	Myrian Regina Del Vecchio de Lima (Universidade Federal do Paraná)

### DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

A medicina xamânica conhecida como Ayahuasca, Daime ou até Vegetal começou a ser difundida pelo Brasil a partir dos anos 1970. Desde então, o senso comum, em parte confirmado pela grande mídia, refere-se à substância por meio de uma série de simplificações, sem levar o importante contexto cultural e religioso em consideração. “Droga” é a principal destas reduções. Na verdade, a ayahuasca pode ser classificada como um psicoativo enteógeno, ou seja, um alterador da consciência que desperta no usuário um estado místico e profundo de contemplação e transe. Para além da superfície, pode-se encarar a bebida como o pilar central de diversas sociedades indígenas da Amazônia e de inúmeros grupos religiosos e espiritualistas mundo afora. Compreender o papel cultural da ayahuasca nestas comunidades, bem como seus efeitos e características farmacológicas, possibilita entrar em contato com um modo alternativo de enxergar a vida e a realidade – a nossa e a do outro. O livro-reportagem “Os caminhos do cipó – perspectivas sobre o consumo contemporâneo de ayahuasca”, desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), surge com o intuito de compreender quais são os benefícios da utilização da substância nos dias de hoje, tanto a nível social quanto pessoal, bem como os contextos em que está inserida. Para tanto, a pesquisa faz uma recapitulação histórica dessa medicina, que saiu do coração da Floresta Amazônica e chegou aos grandes centros urbanos dentro e fora do Brasil, e apresenta histórias de transformação pessoal e cura que exemplificam as aplicações espirituais e terapêuticas responsáveis por atrair pessoas das mais variadas crenças e classes sociais. O jornalismo literário aparece como um instrumento fundamental para contar as experiências da forma como demanda o tema – delicado e subjetivo como é. O produto jornalístico, resultado final dessa empreitada, pode servir para estudos e pesquisas na área da saúde – especialmente nos campos da bioquímica e da neurociência, escassos de conteúdo empírico. A ayahuasca é capaz de contribuir, com sucesso, no tratamento de doenças como drogadição e depressão. Uma possibilidade séria de tratamento que precisa de um olhar mais cuidadoso por parte de psicólogos e psiquiatras, até porque são muitos os casos em que o paciente nunca atinge a melhora desejada apenas com as internações e os remédios regulares. Sem contar os que perdem a luta para sempre, e que poderiam ter tido uma oportunidade diferente caso o acesso a técnicas alternativas de terapia fosse facilitado. O projeto não só estreita o diálogo entre espiritualidade e ciência, mas contribui para a criação de uma ponte entre o conhecimento ancestral xamânico e a sociedade, ainda cheia de preconceitos acerca do uso de substâncias psicoativas. A ideia de produzir um livro-reportagem é também uma resposta à falta de aprofundamento que a grande mídia dá à ayahuasca. Além de quase não abordar a questão, os veículos de comunicação de maior expressão do país tratam a medicina de maneira superficial, generalizadora e descontextualizada. O suporte livro-reportagem, portanto, permite entregar ao leitor uma informação mais clara e aprofundada. Diferente do jornalismo noticioso, há muito espaço e tempo para a produção da reportagem – pautada, aqui, pela diversidade de fontes e pontos de vista. Em última instância, o resultado final valida a premissa de que os usos rituais da ayahuasca na contemporaneidade são um fenômeno complexo e específico, e que a inserção da substância em novos contextos deu a ela uma roupagem diferente da original indígena. Pode representar uma conexão com a nossa ancestralidade ou um processo intenso de reconstrução identitária – subjetividade que depende do ambiente e das intenções de cada um, mas que deixa a certeza de que o conhecimento nativo precisa ser preservado e divulgado.

## DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

O primeiro passo para o desenvolvimento do projeto foi o de pesquisa bibliográfica sobre o tema e o suporte escolhido. O resultado escrito faz parte do memorial teórico do Trabalho de Conclusão de Curso. O produto livro-reportagem foi idealizado a partir do conteúdo assimilado. Com relação ao tema, destaca-se o livro "O uso ritual da ayahuasca", um compilado de 28 artigos acadêmicos sobre o universo da ayahuasca organizado por Beatriz Caiuby Labate e Wladimir Sena Araújo. Nesse trabalho, é possível encontrar uma série de estudos que elucidam as mais diversas facetas da substância: seus três principais contextos históricos (indígena, religiões ayahuasqueiras e grupos neo-ayahuasqueiros), características químicas (com análises de Shulgin e Brito), efeitos práticos e impacto pessoal e social. Este livro reúne a maior parte do que já foi publicado sobre o tema no Brasil. Além dele, outros artigos, vídeos e páginas da internet sobre práticas ayahuasqueiras completaram a pesquisa. Para escrever sobre o assunto, foi preciso entender de que forma a ayahuasca, fruto da cocção entre o cipó Banisteriopsis caapi e as folhas do arbusto Psychotria viridis, era utilizada no contexto indígena, de onde é originária. Segundo Naranjo (1986), pinturas iconográficas datadas de 2000 a. C. indicam a presença da ayahuasca na região do Equador já nessa época. Luna (1986) afirma que a bebida é consumida por pelo menos 72 grupos indígenas da Amazônia e conhecida por mais de 40 nomes. Em todas as comunidades, há um aspecto de coesão ligado à ayahuasca, de modo que a estrutura social formula todo o seu conjunto de regras a partir do consumo da substância. É a base sem a qual é impossível compreender o sentido do mundo. Pedro Luz (2009) destaca os povos de língua Pano, Aruák e Tukano, que compartilham a crença na existência de uma parte espiritual do ser que pode ser acessada através da ayahuasca. Este tipo de pensamento foi incorporado, mais tarde, por grupos urbanos do norte do país, em especial do Acre. Como aponta Labate (2000), o contato da bebida com os seringueiros do decadente ciclo da borracha criou religiões sincréticas e específicas, cheias de elementos indígenas, cristãos e kardecistas. O Alto Santo (futuro Santo Daime) foi a primeira, e outras, como a União do Vegetal e a Barquinha, foram criadas a partir da sua influência. A partir dos anos 70 e 80, com a expansão da UDV e do Santo Daime para fora do país, a ayahuasca foi ressignificada por grupos da New Age e adeptos da nova consciência religiosa, caracterizados, de acordo com Luiz Eduardo Soares (1994), por priorizar a subjetividade e as experiências individuais – e não uma doutrina religiosa imutável. Desse modo, a ayahuasca passou a ter uma conexão com a ideia de autoconhecimento, reconstrução de identidade e cura. É utilizada, hoje, com diversos propósitos e por diferentes grupos, o que prova a sua especificidade e complexidade dentro do cenário urbano atual. O formato livro-reportagem foi escolhido pela possibilidade de aprofundar a pesquisa jornalística sem as amarras que o molde do jornalismo noticioso impõe. O suporte é fruto do casamento entre jornalismo e literatura inicialmente proposto por Tom Wolfe em "The new journalism" (1973). De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2004), o livro-reportagem tem a capacidade de prestar informação ampliada sobre os fatos, situações e ideias de relevância social. Transcende o lado efêmero da notícia e a coloca num patamar de durabilidade e atemporalidade. Também para Lima, outra característica é poder abordar questões trabalhadas de maneira superficial pela mídia periódica. É indispensável falar sobre a influência do New new journalism, um desdobramento da corrente de Wolfe que tem o seu ápice, segundo defende Felipe Pena no livro "Jornalismo Literário" (2006), ao dar maior atenção ao aspecto social e sustentar um mergulho nas camadas mais submersas da sociedade – como é o caso do universo particular da ayahuasca.

## DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

Terminada a parte teórica do Trabalho de Conclusão de Curso, baseada em conteúdos acadêmicos sobre o tema escolhido, teve início o período de produção do livro-reportagem. Em um primeiro momento, foi feito o levantamento das possíveis fontes – entre psicólogos, profissionais capacitados para falar sobre ayahuasca e personagens que em algum momento participaram dos rituais. A intenção era contar histórias a partir de perspectivas diferentes, trabalhando com os vários motivos e propósitos que levam alguém ao encontro da medicina xamânica. Outras fontes apareceram ao longo do processo. Em seguida, foi feita uma inserção de campo em uma comunidade espiritualista de Piraquara, Região Metropolitana de Curitiba. O ritual escolhido foi conduzido por indígenas do povo Huni Kuin, conhecido pelo povo branco como Kaxinawá. O método da observação participante foi escolhido por ser um excelente modo de investigação que evita, principalmente, a superficialidade e o juízo de valor. Considerou-se necessário passar pela experiência para poder tirar dela alguma conclusão mais adequada e justa. Só poderia escrever com propriedade entendendo minimamente de que forma a substância funciona no corpo e que espécie de efeitos subjetivos ela pode render. Para Tim May, no artigo "Pesquisa social: questões, métodos e processos" (2001), a observação participante estabelece um relacionamento multilateral do investigador com o grupo ao qual está inserido. Assim, consegue desenvolver um entendimento científico acerca daquela comunidade. O período de entrevistas veio a seguir. Foram 13 ao todo - a maioria realizada presencialmente, com duração média de uma hora. Em três casos, devido à impossibilidade de encontro presencial, as entrevistas foram feitas por áudio via aplicativo de mensagens. O roteiro pré-definido variou de acordo com as características das fontes. A primeira delas foi Tadeu Siã Txana Hui Bei, pajé da Aldeia São Joaquim, do Rio Jordão, no Acre, que conduz rituais xamânicos e viaja pelo mundo divulgando a cultura Huni Kuin. Depois foram entrevistadas as demais personagens. A intenção era descobrir por quais motivos buscaram a bebida e quais foram os benefícios encontrados. São eles: Daniel Dipp, relações públicas que toma ayahuasca há dez anos; Andre Caldart, tatuador que faz tratamento para depressão e dependência química; Myrtha Caldart e Fernanda Caldart, mãe e irmã de André, respectivamente, que também tomaram a medicina; A. R. e Michele Costa, estudantes que tiveram uma só experiência; Uanderlei Giongo e Niceia Caldas, pais que acompanharam um ritual com o filho dependente químico de crack. Há ainda entrevistas com profissionais ligados ao mundo da ayahuasca: Carlos Caruso, terapeuta xamânico que organiza rituais; Henrique Ressel, antropólogo e organizador de práticas indígenas; Marcelo Mercante, antropólogo e pesquisador acadêmico; João Martins, psiquiatra especialista no atendimento de dependentes químicos. Depois de gravadas em áudio, as entrevistas foram transcritas para o computador. Deu-se início, então, à roteirização e à escrita do livro, estruturado em um epílogo, que conta a minha experiência, e cinco capítulos. O título escolhido, "Os caminhos do cipó", é uma referência a um dos componentes da ayahuasca. O produto final, com 122 páginas, foi impresso em gráfica e apresentado à banca examinadora. O projeto gráfico foi feito pela jornalista e profissional do livro Bárbara Tanaka.